

A “CORREÇÃO” DOS “TRANSTORNOS DO INSTINTO”: EXPERIMENTOS E TERAPIAS HORMONAIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Giulia Bauab Levai¹

Resumo

O presente artigo se propõe a analisar mobilizações científicas em torno da “reversão sexual”, da “cura do homossexualismo” e do “problema” das ambiguidades sexuais ao longo das três primeiras décadas do século XX, focalizando formulações da endocrinologia sexual do período. O método empregado é uma discussão bibliográfica, acompanhada da análise de fontes primárias, quais sejam, livros de divulgação científica, veículos jornalísticos e volumes literários. O texto aborda como o tema da “correção das sexualidades desviantes” adequa-se não só às vogas científicas de cada período, bem como a suas preocupações morais. As conclusões apontam para sólidos laços entre ciência, política e moralidade – postos em plena evidência nos embates entre crises epistêmicas e pânico morais – e também para o revés desse alinhamento conservador: as possibilidades que surgem a contrapelo, erguidas pela própria literatura médica e apropriadas pelos “desviantes” em questão.

Palavras-chave: Primórdios da endocrinologia sexual. 1910–1940. controvérsias científicas.

A “correction” for “instinct disorders”: hormonal experiments and therapies in the early 20th century

Abstract

This paper analyses historical thesis on “sex reversal”, “cure of homosexuality” and the “problem” of sexual ambiguities. It focuses on sex endocrinology literature throughout the first decades of the 20th century. The methods employed are a bibliographic review and analysis of primary sources, such as scientific books, journalistic vehicles and literary volumes. The text brings up how “correction treatments” for “sexual deviance” were molded into scientific vogues of each period, but also into its moral concerns. The conclusions point to a solid bound between science, politics and morality, which turns up particularly highlighted when epistemic crisis clashes with moral panics. However, this conservative allegiance would entail an overturn: the rise of possibilities against the grain, raised by medical literature itself and reclaimed by the “sexual deviants”.

Key-words: Early sex endocrinology. 1910–1940. scientific controversies.

¹ Doutoranda e Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: giulialevai@gmail.com

Introdução

Em meio ao nefasto cenário político que o Brasil enfrenta atualmente², tendo sucumbido a uma profunda ofensiva conservadora – que começa a se alastrar em 2013, adensando, progressivamente, uma indizível explosão de discursos de ódio, propagados aos quatro cantos do país, e culmina com a ascensão de um fascista à presidência – a chamada “cura gay” vem sendo repetidamente acionada, entre outros temas alarmantes. O assunto se conserva na história do século XX como uma ideia que sempre acaba voltando à superfície – sobretudo, em momentos políticos instáveis – por nunca ter sido, de fato, abandonada. Pretendemos, aqui, olhar para outro momento da história em que tais ideias estavam na pauta dos debates biomédicos, elegendo para análise as primeiras décadas do século XX.

Um cidadão que nos seja contemporâneo, decerto, lembra-se do assunto dos projetos de lei da “cura gay” na Câmara dos Deputados, que defendiam terapias “reparativas”, de “reorientação” ou de “conversão sexual”, contrariando sua proibição, estabelecida pelo Conselho Federal de Psicologia em 1999. Deverá lembrar-se também dos debates científicos dirigidos ao público leigo, sobre este mesmo tema, que ganharam destaque em emissoras televisivas e reportagens jornalísticas.

No início de 2013, o pastor Silas Malafaia e o biólogo Eli Vieira dividiram opiniões (em dois lados bastante problemáticos) quanto à possibilidade de indivíduos homossexuais alterarem intencionalmente a própria sexualidade, e à “prova científica” do chamado “gene gay”, que determinaria a orientação sexual de cada indivíduo no momento do nascimento (FRY; CARRARA, 2016). De lá até o ano de 2018, grandes revistas de divulgação científica e agências de notícias reportaram ao público experimentos de “reversão sexual” em cobaias animais, exaltando a patente científica do assunto³. É notável o modo como o debate científico sobre a determinação do sexo e da sexualidade humana hoje em dia é pautado pelos campos da genética e da pesquisa genômica, pela agência de cromossomos e bases moleculares.

Se tomarmos para análise uma documentação do início do século XX, referente a debates em torno do estabelecimento da endocrinologia, chegamos ao tema das terapias de “reversão sexual” daquela época, com base na manipulação de hormônios.

² Este artigo foi majoritariamente escrito em 2018.

³ Veja-se o artigo “Cientistas cortam DNA de cobaias machos e ovário aparece no lugar de testículo”. *GZ*. 16 de junho de 2018. Disponível em <https://cutt.ly/Kd154qr> Acesso em: 21 mai. 2020.

Veremos, neste artigo, que se os terrenos disciplinares e as esferas de mobilização em torno desse assunto hoje em dia são outros, e variam conforme a voga científica e midiática de cada período, os pânicos morais para com as dissidências sexuais são bastante persistentes.

Se o início do XX foi um período em que as novidades científicas provocavam um enorme deslumbramento, foi também um período de instabilidade interna e desconfiança popular em relação à medicina científica, que avançava a todo vapor, rumo ao progresso... como um trem desgovernado. Assim alertavam alguns escritores daquela época, como Maria Lacerda de Moura (1931), antevendo o precipício a que se chegaria nos anos 1930, e o modo como muitos doutores se ligariam a projetos nazifascistas.

Em pesquisa anterior, trabalhei com a figura do médico-cirurgião franco-russo Serge Voronoff (1866–1951), e sua repercussão no Brasil. Outro grande nome da endocrinologia, com o qual deparei-me, repetidamente, nas fontes, foi o fisiologista vienense Eugen Steinach (1861–1944). Tanto Voronoff – diretor do Laboratório de Cirurgia Experimental do *Collège de France* – quanto Steinach – diretor da Divisão de Fisiologia no Instituto Vienense para Biologia Experimental – foram médicos estrangeiros que se tornaram verdadeiras celebridades internacionais nos anos 1920, ao lançarem "terapias de rejuvenescimento" a partir da manipulação de glândulas e hormônios sexuais.

Em 1919, Serge Voronoff apresentava à classe médica e ao público leigo a cirurgia de enxertos glandulares, um estranho método por ele desenvolvido, que consistia em extrair glândulas sexuais de macacos para enxertá-las nas glândulas sexuais de seres humanos. No mesmo período, Eugen Steinach prescrevia injeções de extratos hormonais a seres humanos, ou ainda, entre outras técnicas por ele difundidas, a aplicação de *raios-x* sobre os ovários e testículos de seus pacientes. Cada qual com seu método, os dois doutores prometiam a seus clientes atrativos benefícios da intensificação da atividade hormonal em seus organismos: aumento da força vital, revitalização do organismo, ganho na clarividência mental, intensificação da libido e do potencial reprodutivo.

Nas décadas de 1920 e 1930, esse tipo de terapia foi difundido ao redor do mundo e aplicado em milhares de indivíduos que sonhavam rejuvenescer com glândulas de macaco, extratos injetáveis ou sessões de radiação. Mas o rejuvenescimento não era a única promessa da terapia hormonal. Muitos médicos e profissionais da área da medicina, da biologia e da psicologia,

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

entusiastas de Voronoff e Steinach propagaram as intervenções endócrinas como uma forma de terapia para desequilíbrios hormonais de toda sorte, inclusas as “inversões sexuais”.

Sexualidade e intemperança

A questão da sexualidade, junto aos embates morais a ela atrelados, foi, certamente, uma das tônicas do início do século XX, sobretudo na década de 1920 (FAUSTO-STERLING, 2000; GOMES, 2004). E já figurava como um grande tema na literatura naturalista brasileira do final do século XIX, que dedicou muito à questão da intemperança.

Cabe aqui um breve parênteses para trazer um ponto da *História da Sexualidade* (1984), onde Michel Foucault aborda doutrinas filosóficas da Grécia antiga, no que elas se referem à “moral dos prazeres”, à virtude da temperança e o domínio de si, como valores que se somavam naquele que era capaz de comandar “suas feras interiores” e dominar “as forças selvagens do desejo” (FOUCAULT, 1984, pp. 72 e 75). Na leitura de Foucault sobre o pensamento de Xenofonte, a experiência da carne assumiria um caráter inferior, não porque derivasse de um mal emanado pelo prazer sexual em si, mas por sua qualidade ontológica comum aos homens e aos animais. Os prazeres da carne associavam-se, assim, à entrega corpórea, àquilo que nos comunga com os animais, à incapacidade de governança e à própria ideia de feminilidade. Em grandes linhas, nestas equações, aquele que era intemperante aproximava-se, inevitavelmente, da animalidade bestial.

O argumento de que a submissão aos impulsos da carne envolve os indivíduos intemperantes em uma atmosfera bestial aparece como um dos chavões do chamado “romance de tese”. Fazem-no, por exemplo, entre outros, os clássicos *A Carne* [1888] e *Bom-Crioulo* [1895], e mesmo a trilogia *As Vítimas Algozes* [1869], que data de um período anterior à consolidação desse gênero.

Ao explorar o assunto da sexualidade e suas ditas perversões, estes romances apoiaram-se em teses científicas da época, dentre as quais figuravam, por exemplo, o darwinismo social e o racismo científico (SENRA, 2006, p. 16). Recurso mais que recorrente nesse gênero literário é a animalização das personagens – em seus estereótipos da histérica, do homossexual, do branco corrompido e devasso, e do negro hiperssexualizado – rendidas aos impulsos bestiais que comandam seus excessos sexuais.

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

O personagem Amaro, o Bom-Crioulo, por exemplo, é apresentado, no início do romance de Adolfo Caminha, da seguinte forma: “– Um pedaço de bruto, aquele Bom Crioulo! Diziam os marinheiros: Um animal inteiro é o que ele era!” (CAMINHA, 1995, p. 17). Este personagem, ao longo da novela, se vê tomado de irrefreáveis desejos afetuosos e carnis pelo jovem marinheiro Aleixo, que ele toma como amante. Ainda que, a princípio, o Bom-Crioulo tivesse reservas em admitir para si um comportamento sexual como este, logo se rende, chegando a pensar: “Se os brancos faziam, quanto mais os negros! A natureza pode mais que a vontade humana...” (CAMINHA, 1995, p. 34)

No final da novela, sua personagem é sintetizada da seguinte forma:

O Bom-Crioulo da corveta, sensual e uranista⁴, cheio de desejos inconfessáveis, perseguindo o aprendiz de marinheiro como quem fareja uma rapariga que estréia na libertinagem, o Bom-Crioulo erotômano⁵ da rua da Misericórdia, caindo em êxtase perante um efebo nu, como um selvagem do Zanzibar diante de um ídolo sagrado pelo fetichismo africano [...] (CAMINHA, 1995, p. 77).

Evidencia-se o modo como a sexualidade, bem como a raça da personagem, é transposta para o domínio da animalidade e do selvagem.

Outra obra repleta de associações metafóricas entre sexualidade e animalidade é *A Carne*, de Júlio Ribeiro (1999). A protagonista não é uma negra escrava ou ex-escrava, mas Lenita, uma “cultivadíssima” donzela da elite branca do Rio de Janeiro. No entanto, em dado momento de sua mocidade, seu cérebro, tão habituado a enredar-se nas complexas questões da ciência transcendental, sofre a humilhação de “cair-se de repente, como os arcanjos de Milton, do alto do céu no lodo da terra, sentir-se ferida pelo aguilhão da CARNE, espolhar-se nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como um cabra, como um animal qualquer...” (RIBEIRO, 1999, p. 11).

Apesar de compreender cientificamente todos os aspectos fisiológicos da reprodução, Lenita já não era indiferente às energias

⁴ Durante a década de 1860, pouco antes do surgimento do termo homossexual, o jurista e escritor alemão Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895) introduz o termo *uranistas* – resgatando, d’*O Banquete*, de Platão, o discurso de Pausânias sobre o amor descendente de Urano – para designar sujeitos que, como ele próprio, inclinavam-se a buscar parceiros do mesmo sexo (BROOKS, 2012).

⁵ O mesmo que erotomaniaco; aquele que sofre de erotomania. “erotomania” in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 1. Desordem mental caracterizada pela predominância de ideias amorosas ou sexuais. 2. Delírio erótico. Disponível em <https://cutt.ly/JfoPs2y> Acesso em: 30 mai. 2020.

libidinosas como outrora. Agora, a protagonista “revolvia-se como uma besta-fera no ardor do cio” (RIBEIRO, 1999, p. 13). Seu corpo de mulher recém-formado surpreendia-a, como se protestasse contra sua castidade, sobretudo ao conhecer Manuel Barbosa, por quem logo se apaixona. O narrador sugere: “O que ela sentia era o agulhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da CARNE a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra de perpetuação da espécie”. O espírito de Barbosa, igualmente “culto e desenvolvido”, tampouco resistiria: “Um tropel de idéias desordenadas agitou-se-lhe, confundiu-se-lhe no cérebro excitado; o raciocínio ausentou-se, venceu o desejo, triunfou a sugestão da CARNE”. E, “bestial como um sátiro”, rendeu-se aos encantos da jovem donzela (RIBEIRO, 1999, p. 96).

Na última parte da trilogia *As Vítimas Algozes* (s/d), de Joaquim Macedo, a personagem da mucama Lucinda é o estereótipo de uma escrava “imoral, viciosa e lasciva”, dominada “pelo império que sobre ela tinha o demônio da luxúria” (MACEDO, s/d: 100). Lucinda corrompe a inocência e a pureza de sua senhorinha branca, com sua “esquálida ciência de escrava, cujo sensualismo rebaixa a humanidade até nivelá-la com a brutalidade irracional” (MACEDO, s/d, p. 99).

Existe, enfim, nesse imaginário literário uma forte e deliberada continuidade estabelecida entre sexualidade, animalidade e raça. Se o modo como Foucault (1984) lê o pensamento grego clássico mostra o elo que se produziu no Ocidente entre a imagem do animal – da feminilidade, de certo modo – e a intemperança sexual, o discurso científico do século XIX, retomado nesses romances, acresceria a ideia de raça a esta equação.

O sexo instável

[...]

*Girls were girls and boys were boys when I was a tot
Now we don't know who is who or even what's what!
Masculine Women, Feminine Men
which is the rooster, which is the hen?
It's hard to tell'em apart today!
And say!*

[...]

(“Masculine Women, Feminine Men”. James Monaco e Edgar Leslie⁶, 1925).

⁶ Para a letra completa, veja-se <https://cutt.ly/cfoPaRL>. Acesso em: 25 mai. 2020. Para o áudio da versão de 1926, com a Savoy Havana Band, veja-se <https://cutt.ly/5foPsws>. Acesso em: 25 mai. 2020.

A confusão na determinação da masculinidade ou da feminilidade dos jovens, metaforizada na interrogação sobre o sexo dos galináceos, que aborda a letra do *charleston* estadunidense acima referido, expressa uma crise de paradigmas em torno da sexualidade, que Anne Fausto-Sterling descreve como uma das marcas do início do século XX (FAUSTO-STERLING, 2000, p. 151).

Esse florescimento de novidades na expressão de masculinidades e feminilidades marcou, decerto, a cultura dos grandes centros urbanos no início do século. Podemos pensar no exemplo da Berlim dos anos 1920; a capital que conheceria o nazismo na década seguinte, naqueles anos, vivia uma espécie de primavera da liberdade de gênero e da expressão da sexualidade, em seu largo espectro (EMIG, 1998; SMITH, 2013).

Para o contexto brasileiro carioca, podemos nos orientar por uma das proposições de Tiago Gomes (2004), onde o historiador revisa, para a década de 1920, as ansiedades sociais relativas aos chamados temas da modernidade, que vinham tencionando uma série de estruturas tradicionais, ao propor reestruturações nos hábitos e práticas cotidianas da vida urbana. Entre essas ansiedades, o autor analisa novidades sobre as relações de gênero naquela década: os novos passos de dança, as novas modas de vestimenta para homens e mulheres, o surgimento de “tipos” como o afeminado “almofadinha” e a ousada “melindrosa”, a presença das mulheres nos eventos públicos, o feminismo, os cortes de cabelo *à la garçonne* e as calças para as mulheres, a maquiagem e os ternos justos e acinturados para os homens, entre outras tantas práticas que levaram certos cronistas mais conservadores à hipótese de que “a vida moderna havia desfigurado homens e mulheres, transformando boa parte dos primeiros praticamente em mulheres, e vice-versa” (GOMES, 2004, p. 227).

No contexto científico europeu, enquanto Sigmund Freud continuava a solidificar seu legado na teoria psicanalítica, erguido em torno das experiências humanas com a sexualidade, a endocrinologia encontrava nas glândulas – responsáveis pela secreção dos hormônios – um papel central para o desenvolvimento e funcionamento do organismo, e fornecia sua explicação para a questão sexual. Incorporada às ciências reprodutivas, a teoria dos hormônios traria grande impacto sobre o conhecimento em torno das faculdades de reprodução, da diferenciação sexual e da sexualidade.

A “reversão sexual” e os hormônios “fora de lugar”

No início do século XX, a partir do advento da endocrinologia e da inauguração do conceito de hormônios⁷ sexuais, “o sexo se tornou químico” (FAUSTO-STERLING, 2000, p. 158). Saídos das glândulas sexuais para circular na corrente sanguínea, seriam eles os “mensageiros químicos” do organismo, os responsáveis pelas marcas da masculinidade e da feminilidade nos corpos. Assim, a nascente ciência dos hormônios atualizava um registro de compreensão biomédica sobre “o que torna um homem, homem, e uma mulher, mulher” (OUDSHOORN, 1994, p. 16). Disso derivariam uma série de interações entre a endocrinologia e as questões relativas à sexualidade.

Nas primeiras décadas do século XX foram realizadas inúmeras experiências biomédicas que testaram, em cobaias animais, o papel das glândulas sexuais e das secreções internas na diferenciação dos sexos.

Algumas delas são abordadas e discutidas em detalhe na tese de doutorado de Afonso Guimarães, de 1929: “A Secreção Interna das Glândulas Sexuais: Pesquisas experimentais nos mamíferos”. Nesta tese, o autor analisa a forma pela qual animais como galos e galinhas, carneiros e ovelhas, bodes e cabras, a princípio tão marcadamente distintos na expressão fisiológica do seu sexo, embaralhavam suas características nos experimentos de “reversão sexual”, que vinham sendo feitos desde 1910 nos laboratórios de conceituados endocrinologistas e médicos como M. Juhn e E. D’Amour, A. Pézard e H. Goodale, M. Thorek, A. Lipschütz, E. Steinach, e S. Voronoff, entre outros.

A este respeito, a imprensa brasileira da década de 1920 mostra-se particularmente atenta às investigações do austríaco E. Steinach: “as experiências de Steinach em animais têm conseguido até que indivíduos de um sexo acabem com algumas das características fisiológicas do outro” (“O rejuvenescimento por Steinach”. *Jornal do Brasil*, 8 jul 1925, p. 6). A notícia se refere aos experimentos desenvolvidos por Steinach entre 1912 e 1913, que testaram em ratos e porquinhos-da-índia os efeitos do transplante de gônadas ovarianas para machos castrados, e de gônadas testiculares para fêmeas esterilizadas. Os resultados deste experimento cruzado

⁷ A palavra hormônio foi utilizada pela primeira vez em 1905, em uma conferência proferida em Londres, pelo fisiologista Ernest Starling (1866–1927). Tal conceito operaria uma verdadeira revolução na fisiologia, que passaria a ser explicada pela agência de reguladores químicos do organismo, e não mais somente pelos estímulos nervosos (OUDSHOORN, 1994, p. 16).

apontaram que, mediante tais transplantes, boa parte das características físico-comportamentais da feminilidade e da masculinidade apareciam no sexo oposto⁸. O fato de Steinach propor que o comportamento dos sexos – sobretudo no caso do chamado instinto materno – era redutível à presença e influência das glândulas sexuais, passível de ser transferido para o outro sexo, é registrado como “um dos maiores feitos da ciência” (“A origem dos sentimentos maternos”. *O Jornal*, 23 out 1921, p. 3).

Na esteira de Steinach e da voga da endocrinologia daquela época, Voronoff relata, em seu livro *Life: a study of the means of restoring vital energy and prolonging life* (1920), as experiências de “reversão sexual” que ele vinha testando em espécies caprinas e ovinas. As cobaias nas quais a reversão foi operada são referidas como “she-goats” e “ewe-lambs”. Uma “she-goat”, cabra na qual o médico-cirurgião havia enxertado os testículos de um bode, é o caso de destaque. Voronoff reporta que a cabra manteve seu tamanho original, mas adquiriu algumas características físicas e comportamentais de um jovem bode: barbicha, chifres e adensamento da pelagem; modos mais agressivos e um “surpreendente” desinteresse pela cria. Voronoff conclui, a respeito deste exemplo, que não recomendaria a mulher alguma o enxerto da glândula sexual masculina, pois com ele surgiriam os aspectos físicos marcadamente masculinos, “que a mulher não tem nenhum desejo de adquirir”, além do risco da “perversão do instinto materno e uma mudança em seu estado psíquico, em seus sentimentos afetivos”, como havia verificado na cobaia cabra que serviu ao experimento de “reversão sexual” (VORONOFF, 1920, pp. 113–114).

Em outros laboratórios, alguns médicos interessados nas aplicações clínicas das terapias hormonais, dedicavam-se a buscar possíveis relações entre a atividade hormonal e a homossexualidade, abrindo um nefasto campo de teoria e experimentação.

Sigmund Freud inclui a discussão sobre a teoria química das secreções internas na penúltima edição dos *Três Ensaios sobre a*

⁸ Algo bastante similar já havia sido feito em 1849, quando o fisiologista e zoólogo alemão Arnold Adolph Berthold (1803–1861) testou os efeitos de um experimento com galos, que começava com a castração dos animais, cujos testículos extirpados foram posteriormente reimplantados nas cavidades do corpo de algumas destas aves. O efeito dessa operação, apesar de curto, teria sido significativo: os animais que não receberam os implantes tornaram-se “gordos pacifistas”, enquanto aqueles que os receberam tornaram-se mais viris do que nunca, com todos os aspectos físicos e comportamentais da masculinidade ressaltados (FAUSTO–STERLING, 2000, p. 149). O experimento, que “transformou capões lânguidos em galos de briga”, veio a se tornar uma das maiores referências para a endocrinologia sexual, um século mais tarde (PRECIADO, 2008, p. 118). Na época de Berthold, porém, a conclusão mais impactante foi a de que os implantes não tinham conexão alguma com o sistema nervoso, o que sugeria que o efeito veiculado às gônadas sexuais – além de prover as marcas da masculinidade ao organismo – era transmitido através do sangue (FAUSTO–STERLING, 2000, p. 149). Até então, não se tinha notícia de regulações orgânicas não nervosas na fisiologia.

Teoria da Sexualidade, de 1920. Em uma nota desta edição, Freud discorre sobre os experimentos de reversão sexual praticados por Eugen Steinach, e comenta uma cirurgia de enxerto testicular (a chamada cirurgia de Voronoff), executada por Lipschütz, em um homem que havia perdido seu testículo por conta de uma tuberculose. O sujeito era, segundo Freud, um homossexual passivo e, depois da operação, “começou a comportar-se com masculinidade e a orientar sua libido para as mulheres de maneira normal”. No entanto, o psicanalista considera precipitado afirmar que estes “belos experimentos” conduzissem imediatamente a uma “cura universal do homossexualismo” (FREUD, 2012, pp. 25–26), por acreditar que o tema guardava uma dimensão psicológica decisiva.

Em meados de julho de 1925, os leitores d' *O Paiz* poderiam ler uma matéria longa, redigida por um médico brasileiro, que celebra uma das últimas “maravilhas da ciência” daquela época, boas novas saídas recém-surgida ciência dos hormônios, essa especialidade biomédica que andava prometendo o céu e a terra, a juventude eterna, o fim dos sofrimentos da velhice e a “cura” para todos os “males” e tipos de “disfunção” endócrina do corpo dos seres humanos (LEVAL, 2016). O trecho a seguir apresenta aquilo que o redator avalia como um dos trunfos conseguidos mediante a cirurgia de Voronoff, citando um caso que se deu na Europa, realizado pelo próprio franco-russo:

[...] um rapaz de 24 anos de idade, forte, sanguineo, bem constituido, de fôrmas femininas que ha oito annos vinha soffrendo irreversivelmente de perversão do instincto masculino. Com repugnancia de si proprio, segundo sua textual expressão, procurára na cirurgia de Woronoff um remedio curativo, depois de tentar suicidar-se com dois golpes fundos nos punhos [...] (PINHEIRO, Dr. Alfredo. “A mocidade eterna”. *O Paiz*, 16 jul 1925, p. 2).

Afora esta notícia, não encontrei nenhum outro registro que vincule, diretamente, o nome de Voronoff à tentativa de reversão da orientação sexual de algum indivíduo homossexual através do enxerto glandular. No entanto, colegas e admiradores do trabalho de Voronoff não hesitaram em indicar, defender e praticar a cirurgia de enxertia glandular como uma das intervenções possíveis para a “cura” do “homossexualismo”.

Para melhor compreender as bases desse tipo de pensamento, voltemos o olhar aos debates travados pelos endocrinologistas, a este respeito, em âmbito internacional, entre 1910 e 1940. Para tanto, podemos partir dos importantes trabalhos de Nelly

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

Oudshoorn (1994) e Anne Fausto–Sterling (2000) sobre as variações paradigmáticas da medicina em torno da sexualidade ao longo do século XX.

A ciência dos hormônios, em sua fase mais incipiente – entre 1905 e início dos anos 1920 – firmava-se em um paradigma dualista, que concebia a existência de dois tipos de hormônios: masculinos e femininos. E que previa que estes hormônios deveriam ser encontrados, exclusivamente, no sexo que lhes era correspondente. Tal paradigma concebia que os sexos eram perfeitos opostos, característica que deveria se refletir, naturalmente, sobre os hormônios sexuais (FAUSTO–STERLING, 2000).

Nessa esteira, Eugen Steinach elabora, na década de 1910, a teoria do antagonismo para a endocrinologia sexual. Seu famoso experimento de reversão sexual em porquinhos–da–índia dependia da castração prévia das cobaias, sem a qual não seria possível obter os resultados esperados, ou seja, a “troca do sexo” desses animais, pois que a testosterona presente no corpo de um macho anularia os feitos da substância ovariana artificialmente adicionada a ele. Segundo o experimentador, isso corroborava a ideia de que os hormônios sexuais, como os sexos, eram forças opostas, mutuamente excludentes, ou seja, não poderiam coexistir no mesmo corpo.

Para Steinach, o “natural” seria que a gônada de cada indivíduo antagonizasse ou suprimisse por completo a presença do hormônio do sexo oposto (FAUSTO–STERLING, 2000, p. 191). Somente em circunstâncias “anômalas” – experimentais ou “patológicas” – os hormônios poderiam aparecer “no corpo errado”; estes hormônios “fora de lugar” eram classificados como “cross-sex hormones” (FAUSTO–STERLING, 2000, p. 191).

Dados inesperados e uma “ideologia de gênero” do século passado: “O sexo *deve* existir”

As pesquisas empreendidas pela endocrinologia na década seguinte, a de 1920, acabaram trazendo o “desconcertante” aparecimento de dezenas de relatos médicos que registraram atividade hormonal feminina em corpos masculinos “normais” e, inversamente, atividade hormonal masculina em corpos femininos (OUDSHOORN, 1994, pp. 23–24). Tais relatos foram reportados em artigos científicos da época como ocorrências “curiosas”, “inesperadas” e “paradoxais” (FAUSTO–STERLING, 2000, p. 182). Esses dados ganhavam força conforme a endocrinologia sexual

caminhava na direção da bioquímica, disciplina que concentrava esforços em identificar quimicamente e isolar os hormônios sexuais (OUDSHOORN, 1994, p. 23).

Frente a esses dados inesperados, os cientistas se veem perante a necessidade de trazer hipóteses para explicar a estranha presença desses hormônios “do outro sexo” em corpos “normais” (OUDSHOORN, 1994, p. 26). O paradigma do antagonismo sexual começava a ruir, por mais que muitos pesquisadores tenham mobilizado esforços para propor emendas ao modelo dualista. Ao longo da década de 1930, com a multiplicação de evidências no sentido contrário, torna-se inviável sustentá-lo.

Em ao menos dois de seus livros (1931; 1932), a escritora e ícone do movimento libertário no Brasil, Maria Lacerda de Moura (1887–1945), leva-nos a Gregorio Marañón. Este foi um fisiologista espanhol, naquela época figura conhecida e influente no Brasil, médico eugenista, estudioso da “diferenciação sexual” e responsável pela fundação da endocrinologia enquanto disciplina na Espanha.

Marañón foi o mais eminente representante de uma corrente teórica que se contrapôs à teoria do antagonismo para defender que a sexualidade, bem como o sexo dos indivíduos, caracterizava-se como um valor único, de potência dupla. Sua tese, exposta em livro de 1930, sustentava que tanto os ovários quanto os testículos provinham de um mesmo tecido, indiferenciado durante a fase embrionária dos animais superiores. Durante os primeiros meses da vida intrauterina, seríamos todos neutros (RIBEIRO, 1935, p. 158)⁹. Existiria assim, a princípio, uma iminência urogenital, que fazia com que cada organismo preservasse, em potência, os dois sexos. Ao longo da evolução histológica, através da ação hormonal, um dos sexos – em “condições normais”, aquele correspondente à genitália de cada indivíduo – se desenvolveria mais que o outro, e caberia ao primeiro dominar o segundo (MARAÑÓN, 1930, pp. 11–12).

Mas, para Marañón, a diferenciação sexual não se faz, “provavelmente, nunca”, de modo completo, o que explicaria a presença nada atípica de elementos hormonais masculinos no ovário, ou femininos no testículo (MARAÑÓN, 1930, pp. 11–12), aqueles que vinham surpreendendo os endocrinologistas na década anterior. Tratava-se de uma contraposição declarada à teoria do antagonismo sexual de E. Steinach.

⁹ O debate médico sobre uma morfologia sexual neutra ou hermafrodita no desenvolvimento embrionário dos seres humanos pode ser encontrado já no início do século XIX (BROOKS, 2012, pp. 199–202).

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

Embates como este, entre diferentes correntes da endocrinologia, culminaram em uma crise na definição médica dos sexos (FAUSTO-STERLING, 2000, p. 183). Acompanhando a revisão de Anne Fausto-Sterling, lemos que o fisiologista Allan Parkes, por exemplo, chegou a interpretar a produção simultânea de andrógeno e estrógeno das glândulas adrenais como um “golpe final a qualquer ideia clara sobre sexualidade” (PARKES *apud* FAUSTO-STERLING, 2000, p. 191). No início dos anos 1930, outros se perguntariam sobre o próprio conceito de sexo:

Em uma análise da edição de 1932 de *Sexo e Secreções Internas* (que sumarizou os primeiros dez anos de avanços fundados pelo Comitê para Pesquisa em Problemas do Sexo), o endocrinologista britânico F.A.E. Crew foi até mais longe, perguntando “O sexo é imaginário?... O caso é” ele escreveu, “que a base filosófica da pesquisa moderna sobre o sexo sempre foi extraordinariamente pobre, e pode-se dizer que os pesquisadores americanos fizeram mais do que nós em destruir a fé na existência da própria coisa que tentamos analisar”. No entanto, Crew acreditava que a ciência acabaria por definir o sexo, “o objeto de suas pesquisas,” ao invés do contrário. “Se em uma década tanto foi revelado,” ele escreveu, “o que não saberemos depois de um século de inteligente e industrioso trabalho?” Apesar da crescente comprovação científica para o contrário, o sexo *deve* existir (CREW *apud* FAUSTO-STERLING, 2000, pp. 191-192, grifo da autora, tradução nossa)¹⁰.

Nota-se que o desenvolvimento dos estudos sobre o impacto dos hormônios sexuais no organismo mostrava-se em descompasso em relação ao conservadorismo ideológico em torno da classificação dos sexos e da sexualidade. O trecho indicado por Fausto-Sterling mostra que, em 1932, Francis Crew fez uma escolha, ao defender, deliberadamente, que a pesquisa deveria se adequar ao ideário normativo em torno da diferenciação sexual em vigor na época (LEVAI, 2016, p. 159). Por muitas décadas, a endocrinologia seguiria este rumo.

No próprio ano de 1930, Marañón propôs que a cirurgia de Voronoff fosse empregada não para rejuvenescer, mas para tratar os casos do que chamava de “homossexualismo extremo”, sugerindo que

¹⁰ In a review of the 1932 edition of *Sex and Internal Secretions* (which summarized the first ten years of advances funded by the Committee for Research in Problems of Sex), the British endocrinologist F. A. E. Crew went even further, asking “Is sex imaginary?...It is the case,” he wrote, “that the philosophical basis of modern sex research has always been extraordinarily poor, and it can be said that the American workers have done more than the rest of us in destroying the faith in the existence of the very thing that we attempt to analyze”. Nevertheless, Crew believed that science would ultimately define sex, “the object of its searchings”, instead of vice versa. “If in a decade so much has been disclosed,” he wrote, “what shall we not know after a century of intelligent and industrious work?” Despite growing scientific evidence to the contrary, sex *must* exist (CREW *apud* FAUSTO-STERLING, 2000, pp. 191-192).

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

tal intervenção cirúrgica poderia “corrigir” este comportamento sexual. Afinal, sua tese previa que a diferenciação dos sexos, bem como a determinação da sexualidade, dependia da atividade hormonal, responsável por estimular em cada indivíduo os caracteres do seu sexo, deprimindo o desenvolvimento dos caracteres do sexo oposto. A “voronoffização”, como outras terapias hormonais, poderia, portanto, ser empregada como um meio de sufocar inclinações homossexuais, compreendidas como “resquícios do outro sexo” (RIBEIRO, 1938).

Maria Lacerda de Moura registrou suas objeções às declarações de Marañón. Em meio à sua erudita argumentação, a escritora afirma não enxergar na homossexualidade “vergonha” ou “baixeza” alguma, quanto menos algo que precisasse ser “sufocado”, mas sim uma especificidade que se dava naturalmente para alguns, e que deveria ser respeitada enquanto tal, justamente por sua naturalidade (MOURA, 1932, p. 209). E afirma ser “lamentável” a recomendação de “voronoffização”, feita por Marañón, aos “homens afeminados” e às “mulheres masculinizadas”, qual seja, a aplicação do enxerto de glândulas masculinas nos primeiros, para reforçar sua virilidade, e de glândulas femininas nas segundas, para prevalecer a feminilidade (MOURA, 1932, p. 209).

Entretanto, o cientista espanhol era celebrado por muitos médicos brasileiros. Na esteira do surgimento das ideologias positivistas, aparecia, desde a transição do Império para a República, “uma necessidade de provar que o Brasil estava acompanhando as novidades científicas mundiais”, e a homossexualidade foi muito debatida pela classe médica brasileira, como um assunto quente sobre o qual se tentava provar teorias internacionais (SILVA, 2018, s/p).

Aqui, o mais famoso dentre os seguidores de Marañón foi o criminologista brasileiro Leonídio Ribeiro. Dirigente do Gabinete de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro e criador do Laboratório de Antropologia Criminal, L. Ribeiro pesquisava e clinicava pela “correção” da homossexualidade. Em seu livro de 1938, *Endocrinologia e Homossexualismo* – prefaciado, aliás, por Gregorio Marañón –, a “voronoffização” é mencionada no capítulo “Tratamento medico-pedagógico”, onde o autor afirma:

Há uma observação recente de Dartigues, de Paris, de um nevropata de 33 anos, cujas antigas tendências homossexuais foram logo melhoradas [depois do enxerto testicular de Voronoff], aparecendo

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

mesmo o desejo sexual e a vontade de casar, dois meses depois da operação de transplantação [...] (RIBEIRO, 1938, p. 171).

Além de mostrar-se bastante interessado no emprego dos enxertos de Voronoff para a reversão dessas “tendências”, seguindo os passos de Marañón, Ribeiro defende que os casos de “homossexualismo” já não poderiam mais ser vistos como perfis criminosos, como se concebia até então; eram desordens endocrinológicas, passíveis de tratamento¹¹:

O professor Mario Carrara, de Turin, que foi um dos primeiros a chamar a atenção para as origens organico-endócrinas da criminalidade sexual, afirma que o homossexualismo está condicionado por graves distúrbios hormonais e desse modo deve-se acreditar numa terapêutica, por meio de intervenção cirúrgica ou de recursos farmacológicos, especialmente opoterápicos¹² (RIBEIRO, 1938, p. 175).

Heranças e desdobramentos

Atentemos para o fato de Leonídio Ribeiro ter sido um criminologista. Podemos situar aqui breves considerações acerca da tradição de tal disciplina, a partir da leitura feita por Stephan Jay Gould, em *A Falsa Medida do Homem* (2014).

A ideia de evolução impactou profundamente o século XIX, sobretudo as ciências da vida, que seriam reformuladas à luz de tal conceito. Na segunda metade desse século, nascia a antropologia criminal, disciplina criada por Cesare Lombroso; *L'uomo delinquente* é o título de sua obra de 1876, um dos maiores marcos da criminologia. Para o higienista italiano, o “criminoso nato” poderia ser identificado em sua fisionomia, capaz de denunciar, fenotipicamente, toda sua “degeneração moral”. Criminosos natos seriam, aliás, para ele, homens de “traços atávicos”, movidos pelo seu “passado simiesco”, ou ainda, “símios que vivem entre nós” (GOULD, 2014, p. 122). Gould sintetiza o ponto de vista de Lombroso a esse respeito:

Os criminosos são tipos atávicos, do ponto de vista da evolução, que perduram entre nós. Em nossa hereditariedade jazem germes em estágio letárgico, provenientes de um passado ancestral. Em alguns indivíduos desafortunados, esse passado volta à vida. Essas pessoas se vêem levadas, devido à sua constituição inata, a se comportar

¹¹ Naquele contexto, o próprio tratamento médico da homossexualidade, por considerá-la consequência de um desequilíbrio hormonal, reversível, era uma medida considerada progressista, em relação à concepção que vigorava até então nas esferas do direito, da criminologia e da psiquiatria, que classificavam o homossexual como um tipo criminoso e uma degeneração moral (GLICK, 2016).

¹² Extratos obtidos a partir de tecidos e órgãos animais, para fins terapêuticos.

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

como um macaco ou um selvagem normais, mas esse comportamento é considerado criminoso por nossa sociedade civilizada (GOULD, 2014, p. 123).

Apesar da lógica de Lombroso ter encontrado sérios problemas para sustentar-se cientificamente e para ser aceita pela comunidade médica, ele não deixou de insistir nas “raízes biológicas” da criminalidade. Sua reação às críticas da comunidade científica foi simplesmente ampliar as causas inatas da criminalidade, passando a incluir entre elas “várias categorias de enfermidade e degenerações congênitas” (GOULD, 2014, p. 133), sintetizando sua tese na frase: “Vemos no criminoso [...] um selvagem e, ao mesmo tempo, um enfermo” (LOMBROSO *apud* GOULD, 2014, p. 133).

A partir da antropologia criminal de Cesare Lombroso apareceriam ainda muitas outras teorias e derivações correlatas. Uma delas foi a teoria da recapitulação, de Ernst Haeckel (1834–1919), o conhecido zoólogo alemão.

A tese de Haeckel pode ser sintetizada no seguinte axioma: “a ontogenia recapitula a filogenia” (GOULD, 2014, p. 112). O zoólogo sugeria “que o desenvolvimento embriológico das formas superiores poderia servir como um guia para se deduzir de forma indireta a evolução da árvore da vida”, ou seja, ao longo da evolução orgânica de cada indivíduo, o corpo reproduzia, em microescala, a evolução da espécie humana, ao atravessar uma sequência de estágios que “correspondem sequencialmente às diferentes formas adultas de seus antepassados” filogenéticos, animais (GOULD, 2014, p. 112).

Em 1940, Gregorio Marañón continuava a elaborar suas teses sobre as relações entre a ação hormonal e a sexualidade humana, agora argumentando que a ação química hormonal sobre o aparelho genital, por si só, não era capaz de reverter um quadro de homossexualidade. Sustentava que não era na relação entre esses dois elementos isolados que se deveria procurar compreender a orientação sexual. Afinal, o impacto dos hormônios sexuais sobre os órgãos sexuais resumia-se à função de ativar a libido. E a libido, na qualidade de “instinto” primitivo, seria incapaz conduzir um sujeito a diferenciar seu objeto de desejo, ou seja, não mantinha relação específica com a orientação do desejo para o sexo oposto. O hormônio sexual, porém, por se propagar para todas as partes do corpo, guardava influência sobre o cérebro, e era a agência da mente sobre a libido que seria capaz de direcioná-la para o sexo

A "correção" dos "transtornos do instinto": experimentos e terapias hormonais

oposto, podendo assim modificar um quadro de sexualidade "desviante" (MARAÑÓN, 1940, p. 84).

Explica o fisiologista: "O que apura este impulso difuso [a libido] é a eleição rigorosa do objeto de sua satisfação, e essa eleição é um fenômeno especificamente mental e não endócrino" (MARAÑÓN, 1940, p. 85, grifo nosso, tradução nossa)¹³. O autor pondera sobre o fato de que muitos animais mal distinguem o sexo do parceiro para excitar-se e copular, pontuando que este quadro tendia a rarear à medida que se subia na escala zoológica. Vincula, assim, a heterossexualidade ao destino da evolução das espécies, em contraposição à libido indiferenciada, característica dos animais inferiores:

Às vezes esta diferenciação é quase amorfa, mas basta, porque o espírito, sobre um simples detalhe morfológico, é capaz de engrenar seu poder criador e constituir um ideal, quer dizer, um objetivo do instinto rigorosamente diferenciado, individualizado [...] Este caráter cerebral da especificação do instinto explica-nos também que a diferenciação sexual mais apurada é a que se observa na espécie humana. O animal, quanto mais baixo se observa na espécie a que pertence, mais perto estará da indiferenciação sexual, isto é, do homossexualismo. O homossexualismo é, por isso, menos frequente à medida que avançamos no progresso das espécies; e na humana, a mais avançada de todas, o homossexualismo é também, portanto, sempre, consequência de uma condição orgânica anormal e regressiva (MARAÑÓN, 1940, p. 85, tradução nossa)¹⁴.

Nesta formulação, a homossexualidade, condição "anormal e regressiva", equacionava-se, portanto, à "baixeza" animalésca, por via do desregramento da libido.

O argumento da evolução encontra, ainda, mais um desdobramento em sua tese. Gregorio Marañón apostava numa hierarquia evolutiva dos sexos, manifesta nos aspectos do desenvolvimento endócrino-sexual dos seres humanos: os hormônios femininos eram vistos por ele como caracteres iniciais, juvenis, e, os masculinos, caracteres terminais, maduros (MARAÑÓN,

¹³ Lo que diferencia este impulso borroso [da libido] es la elección estricta del objeto de su satisfacción, y esta elección es un fenómeno especificamente mental y no endócrino (MARAÑÓN, 1940, p. 85).

¹⁴ As veces esta diferenciación es casi borrosa, pero basta, porque el espíritu, sobre un simple detalle morfológico, es capaz de engranar su poder creador y constituir un ideal, es decir, un objetivo del instinto rigorosamente diferenciado, individualizado [...] Este carácter cerebral de la especificación del instinto nos explica también el que la diferenciación sexual más fina sea la que se observa en la especie humana. El animal, cuanto más bajo que se observa en la especie a que pertenece, más cerca estará de la indiferenciación sexual, esto es, del homossexualismo. El homossexualismo es, por eso, menos normal a medida que avanzamos en el progreso de las especies; y en la humana, la más avanzada de todas, el homossexualismo es también por ello, siempre, consecuencia de una situación orgánica anormal y regressiva (MARAÑÓN, 1940, p. 85).

1940, p. 65). O espanhol defendia que, a rigor, não existiam dois sexos, mas duas fases evolutivas da humanidade: a forma masculina, que seria a instância teleológica da espécie, o objetivo final da evolução humana, e a forma feminina, que seria uma forma mais baixa na escala evolutiva, estagnada em sua inferioridade, fisiologicamente equiparável à infância masculina. Para o autor, somente a maternidade poderia elevar a forma feminina a uma expressão completa, dignificada, retirando-a da sombra do homem.

É possível inferir que Marañón estivesse aplicando o princípio da recapitulação para a diferenciação sexual humana ao transpor a ideia de uma dita hierarquia evolutiva dos sexos para a configuração da atividade hormonal ao longo do desenvolvimento orgânico de cada indivíduo. Suas teses, enfim, apesar de pouco ortodoxas e pretensamente revolucionárias, mostravam-se enredadas em postulados bastante reacionários.

Se a endocrinologia clínica se associou às referências do evolucionismo e da criminologia do século XIX, ela ainda iria de encontro, nos anos 1930, a tenebrosos projetos científicos nazistas, interessados, a um só tempo, na pretensa “cura” da homossexualidade e no alargamento do potencial reprodutivo da população (De NÁPOLI, 2012).

Assim, ao longo da primeira metade do século XX, a terapia dos enxertos glandulares, propagada e idealizada por Serge Voronoff, foi estabelecida como modelo e praticada por muitos outros médicos – de formas mais amplas do que a prevista pelo próprio Voronoff – nos corpos de animais inférteis e inaptos à reprodução, nos corpos de senhores e senhoras, homossexuais, homens “afeminados”, mulheres “masculinizadas”, “hermafroditas”, estéreis, impotentes, “histéricas”, sujeitos acometidos pelo “cretinismo”, pela neurastenia e por toda sorte de “disfunção” que aproximava os organismos da morte ou de uma vida “improdutiva”.

Possibilidades a contrapelo

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, Voronoff – Serge Samuel Abrahamovitch Voronoff, filho de poloneses judeus – tomaria dimensão de que suas contribuições haviam sido apropriadas por médicos simpáticos ao nazismo, lamentando ter feito declarações entusiasmadas em relação a Mussolini, e o fato de assistir colegas e admiradores seus tornarem-se colaboradores de Hitler (BARNABÀ, 2014, p. 112).

Na Espanha do regime franquista, perante um Estado que passa a ver com maus olhos qualquer formulação que questionasse a tradicional diferenciação dos sexos, conforme estabelecida pela Criação, Gregorio Marañón se vê obrigado a recorrer a um exílio (CLEMINSON & VÁZQUEZ GARCIA, 2009, pp. 188 e 190)¹⁵. De modo geral, no período pós-guerra, a pesquisa endocrinológica precisa ser reorientada; é nesse momento que ela passa a direcionar seus esforços à “solução” da esterilidade e ao incentivo à fertilidade (CLEMINSON & VÁZQUEZ GARCIA, 2009, p. 190).

Avançando para a década de 1950, muitos endocrinologistas e médicos empregariam as mais modernas tecnologias cirúrgicas e hormonais – mais apuradas que as de Voronoff e Steinach – para “corrigir” casos de intersexualidade em recém-nascidos, conformando sua genitália a um ou outro sexo, prática que prevalece ainda nos dias atuais. Por muito tempo – e falamos aqui de uma tradição vinda de fins do século XIX (CLEMINSON & VÁZQUEZ GARCIA, 2009, p. 128) – a medicina reuniu esforços para “fazer desaparecer” casos que fugissem à concepção binária de sexo, gênero e sexualidade, idealizada pelo modelo heterossexual (FAUSTO-STERLING, 2000).

O revés desse empreendimento foi o fato de as ciências reprodutivas terem se deparado com uma surpreendente quantidade de variações na morfologia sexual, capaz de abalar o modelo de dois sexos e provocar uma profunda crise epistêmica nas ciências sexuais. De modo que a medicina da década de 1950 poderia ter assumido a existência não de dois, mas de quatro, cinco ou seis sexos, se tivesse admitido, com seriedade, a multiplicidade de variações morfológicas, genéticas e hormonais que complexificam grandemente a questão da diferença sexual¹⁶. Mas tal possibilidade foi ansiosamente varrida para baixo do tapete.

Este é também o período em que o conceito de gênero é criado, em 1947. É no contexto médico que ele surge, atrelado a práticas de “cura” de crianças intersexo. Seu propositos, o sexólogo e psicólogo John Money (1921–2006), buscou demonstrar como utilizar a tecnologia para “adequar” corpos anatomicamente dissidentes à norma binária do sexo (PRECIADO, 2008, pp. 81–82), e, sobretudo, comprovar a precedência de fatores mentais sobre a determinação dos caracteres secundários do sexo. As “terapias” de

¹⁵ Poucos anos antes, na Alemanha, o *Institut für Sexualwissenschaft* de Magnus Hirschfeld era invadido pelos nazistas, tendo seus “arquivos e livros destruídos em uma das mais famosas queima de livros da era nazista” (CAUGHIE & MEYER, 2020, p. 8, tradução nossa).

¹⁶ Paul Preciado, em comunicação oral: “¿La muerte de la clinica?”. *Conferencia en lo Museo Reina Sofía*, 9 mar. 2013.

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

“cura gay”, a partir dos anos 1950, tomariam a psicologia como sua base mais fundamental.

Na década de 1960, o conceito de gênero seria recuperado e apropriado pela movimentação política feminista, para ganhar desdobramentos que viriam a questionar as bases da naturalização do comportamento sexual e social de mulheres e homens. Pouco mais tarde, a militância das dissidências sexuais utilizá-lo-ia para combater as atrocidades feitas no campo da medicina, sobre os corpos daqueles indivíduos com sexos e sexualidades “desviantes”.

Outra guinada revolucionária seria dada no fim do século XX, quando as tecnologias hormonais e cirúrgicas, depois de décadas de militância da comunidade transgênero, começam a se tornar minimamente acessíveis à agência desta população. Foi somente em 2018 que a comunidade transgênero conquistou a despatologização de sua categoria, ou seja, a retirada (parcial) do conceito de transexualidade na lista do DSM (*Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders*), onde constava como transtorno psicológico desde 1952, quando a lista foi criada.

Cumprido reconhecer, enfim, que a história, a ciência e a sociedade não marcham em progresso ascendente, como sonhado pelo positivismo, mas que seus caminhos estão muito mais ligados a movimentos sinuosos e cíclicos, a disputas, avanços e retrocessos, guinadas e torções. As histórias que atravessam este artigo nos indicam que, por mais que certas descobertas científicas sejam capazes de produzir ruídos em paradigmas e estruturas de longa data das ciências sexuais, oferecendo oportunidades para reformá-las radicalmente, crises epistêmicas, por si, não culminam em transformações efetivas¹⁷. Tendem a ser reabsorvidas pelo modelo dominante, até que sejam acompanhadas por reviravoltas políticas, até que suas agendas comecem a ser tomadas pelos próprios dissidentes sexuais em questão.

Escolho encerrar este artigo com um caso muito particular de redesignação sexual nos anos 1930, a história do pintor dinamarquês Einar Magnus Andreas Wegener e sua transformação em Lili Ilse Elvenes, mais conhecida como Lili Elbe (1882–1931).

¹⁷ Idem.

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

Em suas memórias¹⁸, Lili Elbe¹⁹ narra como as práticas de “travestismo”, um corpo que ia tornando-se cada vez mais “afeminado” e o sofrimento físico e psíquico levam Einar Wegener²⁰ aos consultórios e clínicas de uma porção de profissionais da área médica e psíquica. Neurótico, homossexual, histérico e lunático teriam sido algumas das avaliações proferidas por tais profissionais (HOYER, 1933, pp. 100, 106 e 110), um deles chegando a ministrar um danoso tratamento com aplicações de *raios-x* sobre seus genitais²¹ (HOYER, 1933, p. vi). O persistente mistério sobre seu corpo o leva a procurar todo tipo de livro científico dedicado à questão sexual (HOYER, 1933, p. 100).

Curiosamente, Einar avalia sua própria existência em linhas semelhantes às da tese endocrinológica de Gregorio Marañón, ao compreender que vinha sufocando, por toda sua vida, uma espécie de gêmeo feminino, Lili, potência feminina que vinha ganhando força em seu corpo e que, ultimamente, vinha se sobrepondo a Einar (HOYER, 1933, pp. v-vi e 100). Talvez ambos tenham bebido das mesmas fontes. Einar, no entanto, toma uma via a contrapelo, ao compreender que Lili era sua expressão mais verdadeira.

Alguns anos mais tarde, à beira do suicídio, Einar consulta-se com o ginecologista e cirurgião Kurt Warnekros (“Werner von Kreutz”, no livro), na Alemanha. Este teria sido o primeiro a compreender o quadro como um caso de intersexualidade, ao assumir a provável existência de ovários no corpo de Einar, hipótese que teria sido mais tarde comprovada por uma incisão exploratória no abdômen. “Kreutz” lhe prescreve algumas intervenções cirúrgicas visando a readequação sexual, que seriam conduzidas em Berlim e Dresden, entre 1930 e 1931.

Se, até então, a medicina e a psiquiatria ofereciam formas de tentar aniquilar a existência de Lili, este médico alemão procurou atendê-la no sentido contrário: para sua incredulidade, mediante

¹⁸ Reunidas no livro *Fra Mand til Kvinde – Lili Elbes Bekendelser* [1931], uma composição narrativa em tom literário, feita a partir de diários, cartas, relatos orais, fotografias e pinturas deixados por Lili Elvenes e Gerda Wegener (a pintora e artista plástica que foi, por muitos anos, sua esposa), inicialmente confiados a Niels Hvid (pseudônimo atribuído a Poul Knudsen), organizada e editada por Niels Hoyer (pseudônimo utilizado por Ernst Ludwig Hatherm Jacobson), a pedido de Lili.

¹⁹ Segundo Sabine Meyer, é possível que o próprio sobrenome Elbe seja um pseudônimo criado para a narrativa literária (MEYER, 2011, p. 76).

²⁰ Opto pela mesma escolha das analistas Pamela Caughie e Sabine Meyer (2020) para referências a Einar: “we will use those names and the masculine pronoun even though today the standard practice would be to use Lili Elbe and the feminine pronoun. While contemporary readers may see Einar Wegener as a woman though assigned male at birth, the narrative and personal correspondence indicate that Lili referred to Andreas/Einar as a separate being, using the third-person masculine pronoun when referring to him. Our practice complies with hers” (CAUGHIE & MEYER, 2020, p. xvii).

²¹ Um dos referidos métodos de Eugen Steinach.

A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais

as cirurgias, seria Lili quem sobreviveria. Assim, na Clínica de Mulheres de Dresden (*Staatliche Frauenklinik*), ela completaria sua transição intencional para o sexo feminino²². Este caso, à época tomado como uma realidade fantástica, um milagre da medicina (HOYER, 1933, pp. 107 e 179), envolveu um ousado revés das possibilidades trazidas pela endocrinologia, que vinham sendo empregadas com vistas à “correção” das ditas sexualidades desviantes.

A paciente não sobreviveu ao pós-operatório da última intervenção cirúrgica, e veio a falecer em setembro de 1931, aos quarenta e oito anos de idade, tendo vivido em seus próprios termos, como Lili Ilse Elvenes, por dezesseis meses²³. Ao fim de sua vida, Lili afirma compreender que ela “talvez tenha erguido uma fina ponte sobre o abismo que separa o homem e a mulher” (HOYER, 1933, p. 270, tradução nossa).

Referências bibliográficas

Fontes Primárias

“A origem dos sentimentos maternos”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 out 1921, p. 3.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática, 1995 [1895].

FREUD, Sigmund. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2012 [1920].

GUIMARÃIS, Afonso. *A Secreção Interna das Glândulas Sexuais*. Pesquisas experimentais nos mamíferos. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto. Pôrto, Portugal: Tip. Costa Carregal, 1929.

HOYER, Niels (ed.) *Man into Woman: an authentic record of a change of sex*. Londres: Jarrolds Publishers, 1933.

MACEDO, Joaquim “III – Lucinda, a mucama” *As Vítimas Algozes*. s/d [1869]. Domínio público. Disponível em <https://cutt.ly/Wd0eAMA> Acesso em: 1 jun. 2020.

²² As múltiplas cirurgias de Lili envolveram a “castração” de Einar no *Institut für Sexualwissenschaft*, em Berlim, um enxerto de ovários – a própria cirurgia de Voronoff, em sua modalidade intraespécie –, a remoção do membro sexual, a inserção de uma cânula para a passagem da urina, e, por fim, o que parece ter sido uma vaginoplastia, todas essas últimas feitas na *Staatliche Frauenklinik*, em Dresden (HOYER, 1933, pp. vii e 283; CAUGHIE & MEYER, 2020).

²³ Segue um trecho das últimas entradas do diário de Lili: “If I should succumb spiritually and seek suicide, everybody would be right in saying that what had happened to me had been contrary to Nature, an audacious challenge of the unnatural and the artificial to the natural and to Nature; a creature born as an hermaphrodite must remain an hermaphrodite, especially if it has lived as an hermaphrodite for a lifetime. That without the operation performed by the Professor I should have died with Andreas [Einar] more than a year ago does not trouble them. But that I, Lili, am vital and have a right to life I have proved by living for fourteen months. It may be said that fourteen months is not much, but they seem to me like a whole and happy human life. The price which I have paid seems to me very small. If sooner or later I should succumb physically, I am quite reconciled. I shall at least have known what it is to live” (HOYER, 1933, p. 278).

A "correção" dos "transtornos do instinto": experimentos e terapias hormonais

MARAÑÓN, Gregorio. *La evolución de la Sexualidad y Los Estados Intersexuales*. Madrid: Ediciones Morata (Ciencias Biológicas), 1930.

MARAÑÓN, Gregorio. *Estudios de Endocrinología*. Buenos Aires: Cia Gral Fabril Financeira, 1940.

MASCULINE WOMEN, FEMININE MEN. James Monaco (música) e Edgar Leslie (letra). Melbourne: L.F. Collin, 1925.

MOURA, Maria Lacerda de. *Civilização – tronco de escravos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.

MOURA, Maria Lacerda de. *Amái...e não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

"O rejuvenescimento por Steinach". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 jul 1925, p. 6

PINHEIRO, Dr. Alfredo. "A mocidade eterna". *O Paiz*, 16 jul 1925, p. 2

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Martin Claret, 1999 [1888].

RIBEIRO, Leonídio. "Homossexualismo e Endocrinologia". *Revista Brasileira – Síntese do Momento Internacional*, Rio de Janeiro, n. 9, pp. 155-168, jul-ago de 1935.

RIBEIRO, Leonídio. *Endocrinologia e Homossexualismo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

SILVA, Marcos Sergio. "O inferno da 'cura' gay". 2018. Disponível em <https://cutt.ly/id0eGud> Acesso em: 31 jun. 2020.

STARLING, Ernest. "The Croonian Lectures I: On the chemical correlation of the functions of the body". *Lancet*, v. II, n. 166, pp. 339-341, 1905.

THOREK, Max. *The Human Testis and its Diseases*. Philadelphia: J. B. Lippincott Company, 1924.

VORONOFF, Serge. *Life: A Study of the Means of Restoring Vital Energy and Prolonging Life*. New York: E. P. Dutton & Company, 1920.

Fontes secundárias

BARNABÀ, Enzo. *Il sogno dell'eterna giovinezza*. Formigine (Modena): Infinito edizione, 2014.

BROOKS, Ross. "Transforming Sexuality: The Medical Sources of Karl Heinrich Ulrichs (1825-95) and the Origins of the Theory of Bisexuality". *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*. Oxford University Press. v. 67, n. 2, April 2012.

CAUGHIE, Pamela; MEYER, Sabine (eds.) *Man into Woman: A Comparative Scholarly Edition*. Londres: Bloomsbury, 2020.

CLEMINSON, Richard; VÁZQUEZ GARCIA, Francisco. *Hermaphroditism, medical science and sexual identity in Spain, 1850-1960*, Cardiff: University of Wales Press, 2009.

DE NÁPOLI, Carlos. *A fórmula da eterna juventude e outros experimentos nazistas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

EMIG, Rainer. 1998. "Transgressive Travels: Homosexuality, Class, Politics and the Lure of Germany in 1930s Writing". *Critical Survey*, v. 30, pp. 48-55, 2008.

A "correção" dos "transtornos do instinto": experimentos e terapias hormonais

FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. New York: Basic Books, 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1984 [1983].

FOUCAULT, Michel. "Aula de 17 de março de 1976". *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. 285-315.

FRY, Peter; CARRARA, Sergio. "'Se oriente, rapaz!': Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e tantos 'outros' na controvérsia sobre as causas da homossexualidade?" *Revista Antropologia*, v. 59, n. 1, pp. 258-280, abril 2016.

GLICK, Thomas. "Marañón, Intersexuality and the Biological Construction of Gender in 1920s Spain". *Cronos*, v. 8, pp. 121-138, 2016.

GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no palco: Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

GOULD, Stephen Jay. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LAQUEUR, Thomas. *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

LEVAL, Giulia. "Superanimal, infra-humano: animalidade e gênero na leitura popular de práticas biomédicas na Primeira República". 188f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2016.

MEYER, Sabine. "Divine Interventions: (Re)birth and Creation Narratives in *Fra mand til kvinder – Lili Elbes bekendelser*". *Kvinder, Køn Forskning*, n. 3-4, 2011.

OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the Natural Body: an archeology of sex hormones*. London and New York: Routledge, 1994.

OUDSHOORN, Nelly. "Hormones, Technique et Corps: L'archéologie des hormones sexuelles (1923-1940)". *Annales HSS*, n. 4-5, pp. 775-793, jul-out de 1998.

PRECIADO, (Paul) Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

SENRA, Flavio. "O Século XIX: um breve preâmbulo e alguns apontamentos" *A herança do período naturalista nas letras do século XX*. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada apresentada à coordenação dos cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. pp. 9-21.

SMITH, Camilla. "Challenging Baedeker Through the Art of Sexual Science: an Exploration of Gay and Lesbian Subcultures in Curt Moreck's Guide to 'Depraved' Berlin (1931)" *Oxford Art Journal*, v. 36, i. 2, pp. 231-256, June 2013.